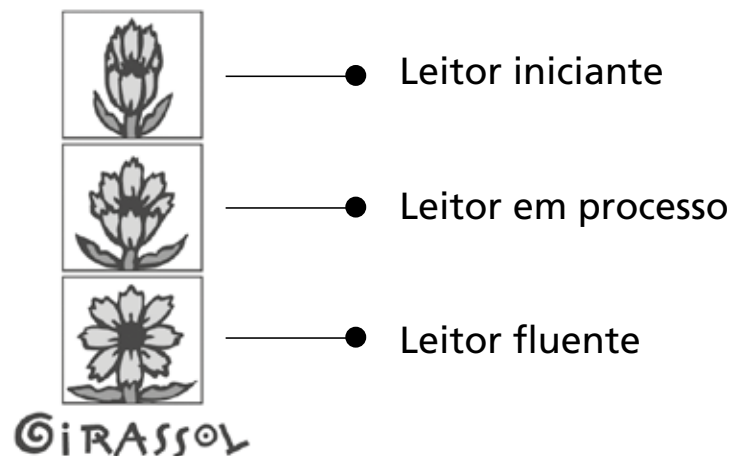




TATIANA BELINKY

Saladinha de queixas

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Rosane Pamplona

- Leitor em processo – 2º e 3º anos
do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



Saladinha de queixas

TATIANA BELINKY



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Nascida na Rússia, Tatiana chegou ao Brasil em 1919, com dez anos de idade. Veio com seus pais e dois irmãos menores. Com essa idade, já tinha lido muitos livros e poemas maravilhosos; um deles, de belos contos russos, que trouxera na viagem, conservou até o fim da vida.

Em São Paulo, cresceu, estudou, casou com um médico santista e teve filhos, netos e bisnetos.

Tatiana nunca parou de ler. E, de tanto ler de tudo, começou a inventar e a escrever suas próprias histórias e versos. Além disso, contou, traduziu e adaptou para a televisão muitas histórias, transformando-as em teleteatro, como “roteirista” de seriados, como *O Sítio do Picapau Amarelo* — o que fez por mais de doze anos.

Certo dia, foi convidada por uma grande editora para escrever uma história para uma série infantojuvenil — e não parou mais, para alegria de seus leitores.

Tatiana faleceu em 15 de junho de 2013 em São Paulo, aos 94 anos.



RESENHA

A banana, a laranja e outros produtos hortifrutigranjeiros, reunidos numa compra de supermercado, começam a queixar-se da injustiça que é terem seus nomes usados como insultos. O abacaxi recusa-se a ser sinônimo de algo complicado. O pepino não quer lembrar algo encrocado. Queixam-se a laranja, a banana e o mamão, até que vem a uva, a única que não pode se queixar: “Digo e não faço fita: uva é moça bonita!”.

As divertidas frutas e hortaliças, usando rimas para fazer suas queixas, fazem o leitor pensar sobre o sentido figurado das palavras. O texto é muito engraçado e propicia a reflexão e o início de um trabalho sobre a plurissignificação e também sobre as diferenças regionais da linguagem.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: poemas infantis.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia, Ciências.

Tema transversal: Pluralidade cultural.

Palavras-chave: Linguagem figurada, frutas e legumes.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Alguém conhece a palavra *hortifrutigranjeiro*? Se possível, trazer um folheto de propaganda que empregue esse termo. Decompor com eles a palavra: *horta* + *fruta* + *granja*. Perguntar: o que tem na horta? (Lembrar também a palavra *hortaliça*.) Que frutas vocês conhecem? O que se produz numa granja?

2. *Descascar um abacaxi, Isso vai dar pepino* etc. O texto vai brincar com esse tipo de expressões. Antecipe isso aos alunos e pergunte-lhes se conhecem alguma expressão que contenha em sua formação o nome de um produto hortifrutigranjeiro.

3. Peça aos alunos que identifiquem cada um dos produtos hortifrutigranjeiros que compõem a ilustração da capa. Peça também para observarem que o ilustrador — Carlo Giovani — “personificou” cada um deles, selecionando apenas alguns elementos. Quais são eles?

4. Folheie o livro e peça que observem as transformações sofridas pelos hortifrutigranjeiros. Estimule-os a antecipar o que podem estar sentindo naquele momento.

5. Durante esse trabalho, pergunte aos alunos por que será que, em algumas páginas, alguns hortifrutigranjeiros não têm carinha. Quando isso acontece?

Durante a leitura

1. Peça que prestem atenção ao uso figurado dos nomes de frutas e hortaliças e que anotem o que não entenderam.

2. Também aparecem no texto palavras que provavelmente as crianças não conhecem (como *queixumes*, *inana*). Peça aos alunos que tentem entender seu significado pelo contexto. Em seguida, sugira que consultem o dicionário para ver se as inferências apoiadas no contexto se confirmam ou não.

Depois da leitura

1. Levantar com a turma todas as ocorrências de expressões que trazem os nomes dos produtos hortifrutigranjeiros. Esclareça as que eles não conhecem. Algumas são facilmente explicáveis, outras não. Por exemplo, dizer que algo ruim é um *abacaxi* advém da dificuldade real de se descascar a dita fruta. Mas a razão para uma pessoa ingênua se chamar *laranja* já se perdeu com o tempo.

2. Muitas dessas expressões são de uso regional. O próprio *ma-mão* explica que seu nome é usado como xingamento em Minas Gerais. Aproveite para fazer um levantamento de expressões populares usadas só em determinadas regiões. Incentive os alunos a prestar atenção a isso quando saem de sua cidade nas férias, por exemplo. O dicionário pode ajudar bastante. Estenda a pesquisa para o nome das frutas, estimulando-os com perguntas do tipo: “Quem gosta de bergamota (mexerica, tangerina)?”.

3. Observe com a turma que, embora quase todos se queixassem de ouvir seus nomes utilizados em ocasiões nada lisonjeiras, havia alguém que não tinha motivos de queixa, pelo contrário. Quem era? (A uva, que é usada como elogio: ela ficou uma uva!) Eles conhecem essa expressão? Que outras expressões metafóricas elogiosas eles conhecem? Pergunte: se vocês quisessem agradar a alguém sem dizer uma qualidade (você é bonita, ele é gentil), o que diriam? (Exemplos: você é uma *flor*, ele é um *pão*, um *gato* etc.)

4. Sugira um exercício de imaginação: que frutas ou legumes vocês usariam para chamar alguém de:

- briguento
- teimoso
- delicado
- amoroso (e quaisquer outras qualidades à escolha)

5. Escolha outras frutas e legumes que não apareceram na *Saladinha de queixas* e desafie os alunos a fazer primeiro um desenho realista e, depois, transformar a fruta ou o legume escolhido em um personagem, como fez Carlo Giovani, o ilustrador. Se a turma se animar com a ideia, aproveite para fazer um passeio pela pintura universal, vendo que frutas os artistas escolheram para compor as famosas “naturezas mortas”: a história da arte com sabor de fruta.

7. Muitos animais também teriam queixas a respeito do uso que os seres humanos andam fazendo do seu santo nome, mas, talvez, um bom número deles esteja bem satisfeito. Que tal elaborar a versão animal e criar um livro parecido? Que título dar? Saladinha, agora, não vai combinar.

8. O título *Saladinha de queixas* remete à ideia de saladas, de verduras, legumes, folhas, ou à conhecida sobremesa salada de frutas. Investigue: quem sabe fazer uma salada? Peça a cada aluno que se informe em casa e traga, por escrito, uma receita de salada, doce ou salgada. Podem ilustrar a receita com desenhos. Havendo possibilidade, escolha uma das receitas e prepare a salada com a classe.

9. Pesquisando sobre o assunto:

- O Brasil é um país muito rico em espécies de plantas que produzem as mais diferentes frutas. Que tal pesquisar a respeito das frutas típicas de sua região? Os alunos podem fotografá-las e produzir um belo álbum.

- Os produtos hortifrutigranjeiros são recomendados por médicos e nutricionistas como alimentos saudáveis, que não podem faltar à nossa mesa. Verificar se eles sabem por quê. Peça que façam uma pesquisa sobre o valor nutricional dos alimentos. Se possível, convide um médico ou um nutricionista para ser entrevistado pelas crianças. É uma excelente oportunidade para usar a linguagem oral em situações mais formais.



LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

- *O caso do bolinho*. São Paulo: Editora Moderna.
- *O grande rabanete*. São Paulo: Editora Moderna.
- *A operação Tio Onofre*. São Paulo: Editora Ática.
- *Coral dos bichos*. São Paulo: FTD.
- *Os dez saczinhos*. São Paulo: Paulinas.

2. DO MESMO GÊNERO

- *Camilão, o comilão*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra.
- *Quando nasce um monstro*, de Sean Taylor. São Paulo: Salamandra.
- *Fiz voar o meu chapéu*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Formato.
- *Pimenta no cocuruto*, de Ana Maria Machado. São Paulo: FTD.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!